

A "FILOSOFIA INTEGRAL" DE MAURICE BLONDEL (A PROPÓSITO DO CENTENÁRIO DA LETTRE)¹

M. Patrão Neves

A *Lettre sur les exigences de la pensée contemporaine en matière d'apologétique*², de 1896, corresponde declaradamente à reivindicação, por parte de Blondel, do genuíno carácter filosófico da sua reflexão. O estatuto filosófico da sua obra havia sido posto em causa a partir da interpretação da sua dissertação de doutoramento, *L'Action, essai d'une critique de la vie et d'une science de la pratique*³, de 1893, como uma apologia (filosófica) da fé cristã. Esta interpretação foi partilhada, quer por filósofos universitários que questionavam a índole filosófica da obra (o que o veio a manter durante algum tempo afastado da docência universitária), quer por sectores da igreja católica que suspeitavam da sua ortodoxia

¹ Texto desenvolvido a partir de "Qu'est-ce que la Philosophie?" — comunicação apresentada no "Colloque International: L'École d'Aix et La Quête du Sens", organizado por l'Association «Les Amis de Maurice Blondel», e que se realizou em Outubro de 1997, em Aix-en-Provence (França).

² Blondel, "Lettre sur les exigences de la pensée contemporaine en matière d'apologétique et sur la méthode de la philosophie dans l'étude du problème religieux", in *Annales de la Philosophie chrétienne*, 1896, t. 131, 337-347 pp. (jan.); 467-482 pp. (fév.); 599-616 pp. (mars); t. 132, 131-147 pp. (mai); 225-267 pp. (juin); 337-350 pp. (juillet); ed. utilizada: in *Les premiers écrits de M. Blondel*. Paris, P.U.F., 1956, 3-95 pp.

³ Blondel, *L'Action* (1893). *Essai d'une critique de la vie et d'une science de la pratique*. Paris, P.U.F., 1973.

(o que o veio a envolver fortemente na crise modernista e a expor ao perigo de exclusão pelo *Index*). Simultaneamente, a leitura de *L'Action* como uma apologética foi elogiada, entre outros, pelo Director dos *Annales de Philosophie chrétienne*⁴. É, no entanto, contra todos estes diferentes sentidos desvirtuadores do carácter filosófico autêntico da sua obra que Blondel escreve a *Lettre*.

Os objectivos são então claros e aparecem já (pré)-enunciados, sob a indicação temática dos três momentos por que se desenvolve a *Lettre*, na carta de 1895 que Blondel escreve ao Director dos *Annales*: "J'expliquerai pourquoi la philosophie apologétique [...] ne doit pas devenir une apologétique philosophique: n'est philosophique, à vrai dire, rien de ce qui est simplement un instrument ou un moyen. Je montrerais en outre comment [...] cette philosophie [...] doit demeurer exclusivement rationnelle pour demeurer efficace [...]. J'indiquerais enfin sous quelle forme renouvelée et toute différente la métaphysique dont on nous dit sommairement «qu'elle ne reviendra pas», est capable de reparaître. Sans elle, on ne touche point, je ne dis pas la solution, mais le problème même."⁵ A *Lettre* procurará fundamentalmente situar a filosofia em relação ao problema cristão, mostrando ao mesmo tempo que a filosofia se caracteriza por um procedimento racional, imanente, que, levado ao seu limite extremo, nos coloca face à questão do sobrenatural. Desta sorte, e como se esperaria, o texto de 1896 incide especificamente sobre os dois principais aspectos que haviam suscitado e alimentavam ainda a interpretação apologética da sua reflexão, a saber: a afirmação da necessidade do sobrenatural e a prática do método de imanência.

Porém, e tal como o nosso filósofo indica já na *Lettre*, estas questões não se compadecem com tematizações individualizadas e análises parciais. Aliás, será aqui oportuno lembrar que

⁴ Denis, Ch., "Nouvelles tendances de l'apologétique philosophique: M. M. Ollé-Laprune, Fonsegrive, Blondel", in *Annales de Philosophie chrétienne*, t. 130, 1895, 652-656 pp..

⁵ *Lettre*, pp. 3-4.

Blondel foi, desde 1893, uma vítima regular de leituras sectoriais dos seus escritos e por isso desfocadas, originando equívocos e suscitando controvérsias que o desmotivaram da prossecução imediata do seu projecto filosófico, quando a sua filosofia é ela própria um apelo constante à consideração exaustiva de todos os elementos do real, à sua articulação plena e não exclusiva, em prol de uma unidade integral. No que se refere aos factores desencadeadores da interpretação apologética que Blondel sofreu, não bastará definir a natureza do método da imanência e apresentar a intencionalidade própria da sua aplicação, nem acompanhar racionalmente o percurso que conduz ao sobrenatural e explicar a ordem da necessidade com que ele se impõe. A questão em aberto vai mais fundo: ela toca a original concepção blondeliana de filosofia, em que aqueles aspectos se descobrem e ganham sentido, e enraíza-se no desígnio filosófico de Blondel, em que se confirma a sua prevalência e adquirem o seu justo valor. Mostrá-lo constituirá o propósito desta nossa intervenção.

Neste sentido, consideraremos, num primeiro momento, como a noção de sobrenatural, e também a de imanência, são introduzidas em *L'Action*, no âmbito da problemática da acção, e posteriormente justificadas na *Lettre*, sob o signo da exigência de um trabalho filosófico. As críticas, entretanto, não se apaziguam, porque implicitamente também não se lhe restringiam, e o tema não é ultrapassado por Blondel, uma vez que não fora ocasional, mas antes era constitutivo da sua filosofia *sui generis*. Num segundo momento, traçaremos brevemente o percurso blondeliano de explicitação das exigências de um pensamento real e de uma filosofia integral, propedêutico da concretização do seu desígnio filosófico primordial na Trilogia em que diferentemente se reconfirma a pertinência do método de imanência e a exigência do sobrenatural.

**Entre *L'Action* (1893) e a *Lettre* (1896):
do dinamismo irredutível da acção à necessidade racional do sobrenatural**

L'Action é inaugurada pela questão "oui ou non, la vie humaine a-t-elle un sens, et l'homme a-t-il une des-

tinée?”⁶ a qual virá a obter uma resposta conclusiva na palavra singular que encerra o texto: “«C’est»”. “C’est l’intérêt total de la vie qui est en jeu. [...] En face de ce *oui sans non*, et là seulement, tout se tranche absolument. [...] A la philosophie de montrer la nécessité de poser l’alternative: «Est-ce ou n’est-ce pas? [le surnaturel]» A elle de faire voir que, seule, cette unique et universelle question qui embrasse la destinée entière de l’homme s’impose à tous avec cette absolue rigueur. «Est-ce ou n’est-ce pas?» A elle de prouver qu’on ne peut, en pratique, ne point se prononcer pour ou contre le surnaturel: «Est-ce ou n’est-ce pas?» [...] «C’est»”.⁷ É o sobrenatural, que dá sentido à vida humana e que constitui o seu destino. O sobrenatural constitui, pois, primeiramente, a resposta afirmativa ao problema fundamental do humano ou, como dirá o filósofo mais tarde na *Lettre*, a “solution inévitable du problème de la destinée humaine”⁸.

Entretanto, e apesar da questão do destino do homem se manter sempre presente no horizonte das preocupações de Blondel, ela não é primordial. A filosofia blondeliana nunca teve um cunho antropológico, nem mesmo uma intencionalidade moralista — como o autor sublinha em textos preparatórios da Trilogia. A orientação é antes claramente metafísica — o que se anuncia já em *L’Action*, em particular no capítulo acrescentado para a publicação “Le lien de la connaissance et de l’action dans l’être”, e se concretizará plenamente na Trilogia. Desta sorte, se o sobrenatural não se reveste ainda de uma dimensão metafísica — a confirmar apenas na Trilogia —, também não se reduz à solução de um problema existencial. Entre a pergunta inaugural de *L’Action* e a resposta final, desenrola-se o irreprimível dinamismo da acção na sua progressiva expansão a todos os níveis do real. É o percurso integral dos meios necessários da acção que conduz o filósofo necessariamente ao sobrenatural.

⁶ *L’Action* (1893), p. VII.

⁷ *L’Action* (1893), p. 492.

⁸ *Lettre*, p. 25

Blondel parte da evidência imediata da irreducibilidade da acção no homem, isto é, da afirmação da acção como dado primeiro da consciência (qual "facto primitivo" biraniano). A acção dá-se no homem inevitavelmente, sem que possa ser suprimida, uma vez que "le suicide est encore un acte". Este dinamismo radical é expressão da espontaneidade do determinismo no homem, que Blondel designará por "volonté voulante", aspecto activo do querer, exercendo-se como exigência de meios reais para cumprimento do necessário. Mas, porque, como o filósofo faz questão de acentuar, "ce qui agit sans moi agit d'ordinaire contre moi", importa que o homem se torne princípio do seu próprio agir. É o surgimento da "volonté volue" que acompanha sucessivamente a "volonté voulante" na realização dos meios necessários da acção (no acatamento voluntário do determinismo), sem que, todavia, alguma vez se anule a disproporção entre a "volonté voulante" e a "volonté volue". A inadequação da dupla vontade que existe no homem determina um querer infinito que, tendo percorrido todos os fenómenos do mundo natural num esforço por satisfazer o seu querer, não esgota ainda a sua energia, nem tão pouco cumpre a necessidade universal. Para além do mundo natural, ganha realidade o mundo "sobrenatural", ou "transnatural", como mais tarde proporá Blondel. Coloca-se então a opção suprema do sobrenatural.

É o querer infinito da vontade, é o dinamismo irreduzível da acção que exige o sobrenatural como o "Único necessário" (como Blondel insistente e significativamente se refere à ordem sobrenatural em *L'Action*) para o desenvolvimento da acção, horizonte infinito do querer. "Único", porque nada existe na série integral dos fenómenos de ordem natural capaz de satisfazer o dinamismo da vida humana, o dinamismo da vontade; "necessário", porque termo absoluto e real exigido para a resolução do destino do homem, no percurso integral do agir. A dialéctica da acção conduz, pois, à afirmação imanente do transcendente. Não se

formula, porém, uma doutrina da imanência — o que decisivamente afastaria Blondel de uma posição ortodoxa. O filósofo nem tão pouco estabelece um “método de imanência”, designação a que, em grande parte, os seus comentadores e críticos reduziram todas as suas atitudes metodológicas desde *L'Action*, e a que ele apenas se refere ao procurar justificar o equívoco que constitui a atribuição que lhe é feita deste método e apresentar a perspectiva em que ela poderia ser legitimada. Dirá então, num texto de colaboração para o *Vocabulaire* de Lalande a propósito do termo “immanence”, em 1908, que “[...] dès l’instant [...] où nous cherchons à égaler en nous la volonté voulue à la volonté voulante, nous sommes amenés à reconnaître [...] que pour aller ainsi de nous à nous-mêmes, nous avons à sortir de nous avant d’y rentrer, à subir de multiples intrusions et comme une dépossession provisoire qui [...] fait d’une hétéronomie laborieusement définie et onéreusement pratiquée, le chemin nécessaire de l’autonomie véritable.”⁹ Na acepção blondeliana, a imanência é garantia da autonomia do humano, quer no plano de agir, em *L'Action*, quer no do pensar, mais explicitamente na *Lettre*.

Quanto ao sobrenatural, a sua afirmação em *L'Action* não corresponde ao estabelecimento da sua realidade de facto, mas tão simplesmente ao postular de uma “hypothèse nécessaire”, à maneira kantiana¹⁰: “«Est-ce ou n’est-ce pas?» [...] A elle [la philosophie], encore, d’examiner les conséquences de l’une ou de l’autre solution et d’en mesurer l’immense écart: elle ne peut aller plus loin ni dire, en son seul nom, que ce soit ou que ce ne soit pas. Mais, s’il est permis d’ajouter un mot, un seul qui dépasse le

⁹ Blondel, “Immanence”, in *Vocabulaire* de André Lalande.

¹⁰ “Même après qu’on a posé, à titre d’hypothèse nécessaire, l’ordre surnaturel comme postulat scientifique, il faut se garder de croire qu’on en pourrait prouver la vérité par le développement de ses conséquences ou par ses convenances internes.”, *Ibid.*, pp. 491-492.

domaine de la science humaine et la compétence de la philosophie [...] il faut le dire: «C'est»".¹¹

É ainda a afirmação do sobrenatural como necessário que encontraremos na *Lettre*. Aliás, Blondel só muito raramente se retratará e as alterações que ocorrem na sua terminologia, ao longo de perto de 60 anos de produção filosófica, correspondem mais à introdução de explicações complementares e esforçadamente mais claras sobre aspectos controversos da sua doutrina, à procura constante de rigor associada às exigências de uma reflexão dinâmica, do que a cedências realizadas aos seus críticos. É neste contexto que compreendemos que a necessidade do sobrenatural decorra agora não apenas do "phénoménisme intégral" da acção, da série integral dos meios imanentes à vontade, mas também do do pensar, do encadeamento rigoroso e integral dos meios imanentes necessários ao pensar — na linha de reflexão já iniciada no capítulo mais tardio de *L'Action*.

É o pensar que, na sua natureza estritamente racional, e tendo percorrido a série das causas naturais, não satisfaz nunca a sua interrogação pela razão de ser, pelo que todo o homem é conduzido necessariamente a pronunciar-se sobre o sobrenatural. No domínio filosófico, reafirma-se, com uma intensidade acrescida, a necessidade do sobrenatural como "condition même de la philosophie"¹². A filosofia então contemporânea, de índole profundamente racionalista, pretendendo desenvolver o exercício da razão até aos seus limites, sem nunca sair do seu domínio próprio, exige a ideia de sobrenatural como possibilidade máxima do seu desenvolvimento e, por consequência, do alargamento do seu domínio específico e da sua inalienável autonomia intrínseca. O sobrenatural é perspectivado como uma "hypothèse philosophique" e "ultimatum de la raison". Daí a crítica blondeliana, na primeira parte da *Lettre*, de insuficiência filosófica

¹¹ *L'Action* (1893), p. 492.

¹² *Lettre*, p. 41.

dos métodos de apologética de então que supõem “le surnaturel présent dans la vie, pour en retrouver l’expression réfléctée dans la pensée; tandis qu’il faudrait supposer le surnaturel absent de la vie pour montrer qu’il est postulé par la pensée et l’action”¹³, “parce qu’il ne suffit pas d’établir séparément la possibilité et la réalité, mais qu’il faut encore montrer la nécessité pour nous d’adhérer à cette réalité du surnaturel.”¹⁴ A apologética o que tem feito — denuncia Blondel — é dirigir-se apenas aos crentes quando, a tarefa que se impõe, verdadeiramente filosófica, é a de, apoiando-se única e exclusivamente na razão, mostrar que esta encontra natural e necessariamente o problema do sobrenatural (que não a solução). O sobrenatural não é, porém, nunca afirmado sob o ponto de vista ontológico, mas tão simplesmente como “«nécessaire» en même temps qu’inaccessible à l’homme”¹⁵ — numa clara reconfirmação do texto de *L’Action*.

A compreensão inequívoca desta afirmação é decisiva para Blondel porque deverá desmotivar as críticas pendentes de naturalização do sobrenatural e de sobrenaturalização do homem¹⁶, ao mesmo tempo que deverá manter a possibilidade de relacionamento entre a ordem natural e a ordem sobrenatural. A dificuldade está, obviamente, em estabelecer condições para que esta relação se trave num ponto equidistante de uma suposta “continuité réelle” entre o natural e o sobrenatural — ameaçadora da sua natureza distinta — ou da sua eventual exclusão mútua — supressora da progressão do homem.

No que se refere ao primeiro aspecto, Blondel rejeita ter naturalizado o sobrenatural, uma vez que a filosofia se limita a afirmar a necessidade do sobrenatural, condição do

¹³ *Ibid.*, p. 21.

¹⁴ *Ibid.*, p. 13.

¹⁵ *Ibid.*, p. 43.

¹⁶ “A gauche, on m’accusait de ne pas réserver la part de l’homme et de tout surnaturaliser. A droite on m’a reproché d’abord de ne pas réserver la part de Dieu et de tout naturaliser, même la grace et l’ordre surnaturel.”, Blondel, *L’Itinéraire Philosophique*, p. 53.

desenvolvimento da prática e da inteligência: "ainsi l'affirmation immanente du transcendant, fût-ce du surnaturel, ne préjuge en rien la réalité transcendantale des affirmations immanentes."¹⁷ Também rejeita ter sobrenaturalizado o homem, uma vez que o imanentismo que aponta (como "condition même de la philosophie"), se refere apenas ao carácter "autónomo e autóctone" da razão, no sentido em que "rien ne peut entrer en l'homme qui ne sorte de lui et ne corresponde en quelque façon à un besoin d'expansion [...]"¹⁸, pelo que, mais uma vez, é a liberdade do homem que sai reforçada.

O segundo aspecto diz respeito ao acordo da filosofia, que se quer independente, com a teologia, que se mantém animada pela fé, relação entre a ordem natural e a ordem sobrenatural estabelecida pelo método da imanência, "ordres hétérogènes", independentes, ligadas pela "nécessité scientifique"¹⁹. A ausência radical de todo o contacto implicaria o atrofiamiento da filosofia, prematuramente limitada no seu exercício especulativo e no dinamismo da sua prática, e a restrição do espírito cristão, interdito à luz da razão. Só uma filosofia que se mantém racional pode, em verdade e com objectividade, colocar o problema do sobrenatural; e só o sobrenatural que já está presente no homem se lhe dá como destino.

Em termos gerais, Blondel recorre à noção de "immanence" como meio, método, caminho que reconduz o sujeito a si próprio, na perspectiva de realização do seu destino ou de processo de "ontogénese" — como dirá em *L'Action*, 1936-37 —, ou que conduz o trabalho filosófico ao seu máximo desenvolvimento, na perspectiva de uma "philosophie totale"²⁰, como então dirá. Encontramos estes dois aspectos reflectidos ainda no contributo de Blondel para o *Vocabulaire de Lalande*: "*L'immanence est le*

¹⁷ *Lettre*, p. 40

¹⁸ *Lettre*, p. 34.

¹⁹ *Lettre*, pp. 45-46.

²⁰ *Lettre*, p. 53.

caractère de l'activité qui trouve dans le sujet où elle réside non pas sans doute tout le principe ou tout l'aliment, ou tout le terme de son déploiement, mais du moins un point de départ effectif et un aboutissement réel, quel que soit d'ailleurs l'entre-deux compris entre les extrémités de cette expansion et de cette réintégration finales." Além disso, o "método de imanência" apenas se exerce numa referência ao "transcendente", sendo os dois aspectos indissociáveis, mas salvaguardando ambos a sua autonomia: não se trata de um puro imanentismo, dado que se incentiva e se exige mesmo a abertura do indivíduo ao que lhe é exterior; nem se resvala para o naturalismo pois, apesar da função propedêutica da vida racional para o sobrenatural, o transcendente intervém sempre gratuitamente.

Quando mais tarde, já em 1925, em *Le problème de la mystique*, Blondel retoma a questão da relação natureza-sobrenatural, fá-lo numa mesma linha de pensamento, defendendo que: por um lado, a gratuitidade do sobrenatural não dispensa o homem de se esforçar, isto é, que a razão desempenha um papel relevante no acesso à própria realidade mística (carácter propedêutico da razão); por outro, se preserva a autonomia do homem, dado que "la contemplation mystique, quoique naturellement inaccessible, n'est pourtant pas quelque chose de postiche: elle est en prolongement de la ligne de visée de notre connaissance et de notre action qui, dans l'ordre historique et concret où nous sommes, ne sauraient atteindre leur but ni parfaire leur destinée sans avouer et creuser le vide qu'elle seule peut en partie combler, en attendant la plénitude qui n'est pas de ce monde."²¹

Com efeito, é no desenvolvimento da afirmação imanente do transcendente, ou da necessidade do sobrenatural, e a partir da estruturação crescente desta relação natureza-sobrenatural no curso da preparação da Trilogia, que, sobretudo a partir da década de 30, ganhará sentido para Blondel uma "philosophie chrétienne". Estava-se em pleno debate entre Gilson e Bréhier

²¹ Blondel, "Le problème de la mystique", p. 44

sobre a existência ou não (respectivamente) de uma filosofia cristã, quando Blondel publica *Le problème de la philosophie catholique*, em que, preferindo a expressão "philosophie catholique" à de "philosophie chrétienne", a atesta efectivamente. Contraria assim, aparentemente, a rejeição bastante liminar que ditara em 1896, por aquela não corresponder então aos seus propósitos. De facto é apenas a expressão que Blondel persiste em recusar²². A "philosophie catholique" refere-se à "compénétration réelle des deux ordres [raison et surnature] qui sont, doivent et ne peuvent que rester inconfusibles: il s'agit d'une symbiose, dans une hétérogénéité irréductible [...]"²³ — a proximidade entre os textos de 1896 e 1932 é evidente. E ainda neste último texto, referindo-se ao que designa também por "philosophie catholique", dirá: "[...] la philosophie qui s'attache à cet élément perdurable et vitalisant n'a besoin d'aucune épithète pour caractériser une doctrine intrinséquement fondée partout et toujours. En cette acception suprême on peut parler de la *philosophia perennis*, non pas une philosophie parmi d'autres, mais la philosophie tout court, une et intégrale, en sa constitution fondamentale."²⁴ Esta é a filosofia, *strictu sensu*, na concepção blondeliana, a "philosophie totale", como a designará, a "philosophie intégrale", como a passará a designar — expressão que virá a substituir também a de "philosophie chrétienne" ou "catholique". Só a "philosophie intégrale", expressão presente já na *Lettre*, corresponde fiel e plenamente à concepção ampla de filosofia que Blondel sempre se esforçou por comunicar com rigor — e que agora se nos impõe esclarecer.

Quanto à "matière d'apologétique", pode-se ainda concluir em 1944-46, aquando da publicação de *La Philosophie et l'Esprit*

²² "[...] l'épithète «catholique» accolée au mot *philosophie* demeure à maints égards ambiguë et demande à être employée avec discrétion et réserve, *secundum quid* et non pas *simpliciter*." Blondel, *Le problème de la philosophie catholique*, pp. 168-169.

²³ *Le problème de la philosophie catholique*, pp. 167-168.

²⁴ *Le problème de la philosophie catholique*, pp. 161-162.

chrétien: autonomie essentielle et connexion indéclinable (tomo I) et *Conditions de la symbiose seule normale et salutaire* (tomo II), como Blondel o fizera entre 1895 e 1896: “Et y a-t-il, à proprement parler, une apologétique philosophique? [...] Oui, s’il faut entendre que, tout à fait distincte, par la nature des questions posées et par la portée des conclusions, des autres formes de l’apologétique, la philosophie est seule capable d’écarter de leur route les objections préjudicielles, de déterminer la notion du surnaturel, et de mettre en plein lumière les exigences et les insuffisances de la nature”²⁵; “[...] je ne suis pas un apologiste au sens où on l’a entendu.”²⁶

**Uma “travessia do deserto” rumo à Trilogia:
da unidade do pensamento e da vida a um realismo integral e espiritual**

Apresentámos, até ao momento, o contexto particular que conduziu à afirmação de Blondel da necessidade do sobrenatural e confirmámos que a relação natureza-sobrenatural se mantém indispensável ao longo de toda a obra do filósofo, correspondendo à exigência de constituição do que o autor virá definitivamente a designar por “philosophie intégrale”.

A necessidade do sobrenatural não se justifica, pois, apenas pelo determinismo do agir ou do pensar, nem as objecções que suscita se dissipam no percurso várias vezes trilhado dos meios imanentes da realização do destino do homem. Antes exige a consideração do tipo de filosofia que postula o sobrenatural e o seu pleno desenvolvimento, de acordo com o projecto filosófico inicial — aspectos a que nos dedicaremos neste segundo momento da nossa reflexão.

A “philosophie intégrale” exprime a autenticidade de uma sabedoria que parte do concreto, na indissociabilidade do

²⁵ *Lettre*, p. 48

²⁶ Blondel, “Lettre sur l’apologétique philosophique”, in *Annales de la Philosophie Chrétienne*, 1895, t. 131, p. 188.

pensamento e da vida, e, seguindo o desenvolvimento máximo do agir e do pensar, percorre todo o real sem nada excluir, abrindo-se ao transcendente, para depois regressar ao concreto, na consubstancialização do ser do homem, dando sentido à vida humana e apontando o seu destino.

Blondel descreve magnificamente o itinerário de uma filosofia que se quer integral através de uma alegoria evocativa dos seus tempos de infância que aqui não resisto a citar: "J'avais reçu, enfant, le délicieux cadeau d'un bel agneau blanc, un vrai agneau, un agneau vivant, bondissant et bêlant. Il m'aimait bien; et selon la fidélité de sa race, il me suivait partout, partout ... Ce cher animal grimpait avec joie le grand escalier de pierre qui conduisait à ma chambre, et d'un bond il me devançait même vers les transcendances. Mais voici que pour descendre c'était une tout autre affaire: impossible au pauvre mouton de se risquer sur les marches; et touché de ses bêlements je n'avais d'autre ressource que de remonter pour le prendre et le rapporter en bas dans mes bras. [...] Et mon effort consiste à montrer que l'*aller et retour* est normal, si l'on sait ne jamais lâcher le concret."²⁷ No trabalho filosófico a questão é a do "aller et retour", do "fermer le cercle"²⁸ — como o filósofo dizia já em 1893 —, na expectativa de integralidade.

A filosofia terá de ser, pois, primordialmente compreendida como obra da vida e do pensamento, no que anuncia já o seu carácter original, constituindo-se como uma crítica vigorosa a tendências dominantes na época, seja a um empiricismo reducionista, seja a um idealismo conceptualista. O exercício da razão, elevando-se acima dos objectos imediatos da experiência, não deverá progredir num abstraccionismo crescente, esvaziando-se de sentido, mas numa inteligibilidade aprofundada do real,

²⁷ [Maurice Blondel] Cité par Paul Archambault, *Vers un réalisme intégral. L'oeuvre philosophique de Maurice Blondel*. Paris, Librairie Bloud & Gay, 1928, pp. 201-202, note 4.

²⁸ *L'Action*, p. 462.

enraizando-se na vida. É esta indissociabilidade da filosofia à vida que atesta o seu carácter concreto.

Ora esta exigência de ligação da vida e do pensamento marca indelevelmente todo filosofar blondeliano e *L'Action* é, sob esta matéria como em tantas outras, mote de toda uma obra. É a acção, "*vinculum substantiale*", o "lien" entre a vida e o pensamento como entre todos os contrários que o são sob o ponto de vista do pensar, mas que a prática articula, harmoniza e unifica na obra de uma vida. Daí também — podemos acrescentar — o carácter penalizador da interpretação de Blondel como "filósofo da acção" a qual, reduzindo a estrutura triádica — pensar, ser e agir — da filosofia blondeliana a um monismo da acção, dilui o autêntico valor da acção na sua capacidade de superação dos opostos, no seu movimento espontâneo de solidariedade, no seu exercício de síntese. Numa palavra, da acção enquanto mediação.

Esta função mediadora, hegemonicamente desempenhada pela acção em 1893 será, nas décadas que se seguem, predominantemente procurada no plano do pensar. Blondel tenta furtar-se às acusações de voluntarismo e de pragmatismo (também suscitadas por *L'Action*), acentuando o carácter intelectualista da sua filosofia, e evidenciando que, sob o ponto de vista do agir ou do pensar, a filosofia não pode nunca desligar-se do real concreto, nem fechar-se à realidade transcendente. Só uma filosofia concreta — na sua indissolúvel ligação ao real — e aberta — ao permanente ineditismo da vida como a todas as dimensões do real, inclusivé ao sobrenatural — poderá vir a protagonizar uma filosofia integral. A prossecução deste desígnio ao nível do pensar exigirá não só o desenvolvimento do seu tradicional sentido especulativo, mas também a intensificação da sua real dimensão prática; isto é, exige a presença constante e simultânea de um elemento reflexivo e de um elemento dinâmico, para que se garanta o sentido do concreto do exercício da razão e a impossibilidade de se fechar por cima.

É a esta tarefa que Blondel se dedicará na longa "travessia do deserto" que o conduziu de *L'Action* à Trilogia. Neste percurso

inscrevem-se textos como "L'illusion idéaliste", de 1898, "Le point de départ de la recherche philosophique", de 1906, "Le procès de l'intelligence", de 1921, que, reflectindo a prevalência das teses de *L'Action*, as traduzem agora em termos de pensar, contextualizando-as intencionalmente na explicitação urgente da concepção blondeliana de filosofia, preparatória do cumprimento do seu projecto filosófico longamente anunciado e sucessivamente adiado.

"L'illusion idéaliste" é um texto importante para compreender que o acto de pensar, aspecto dinâmico do pensamento, não se reduz ao conhecimento que tem estado na base do trabalho filosófico. Com efeito, "toute pensée est à la fois acte et connaissance"²⁹ e há uma impossibilidade formal de reduzir um ao outro, "le pensant et le pensé", "le réfléchi et le spontané"³⁰.

Daí que a filosofia não possa optar por nenhuma das vias isoladamente, porque elas se encontram implicadas entre si — o que se tornará mais explícito em "Le point de départ de la recherche philosophique". Então Blondel dirá que o "connaissance directe et prospective" e o "connaissance inverse et réfléchi" "s'appellent réciproquement et se soutiennent par une sorte de circumincession: car ainsi comprise la philosophie n'apparaît plus comme un simple extrait de la vie, comme une représentation, comme un spectacle; elle est la vie elle même prenant conscience et direction d'elle même, donant à la pensée tout son rôle et rien que son rôle légitime, tendant à l'équation de la connaissance et de l'existence, et développant simultanément la réalité de notre être au milieu des êtres et la vérité des êtres en nous."³¹ A filosofia "solidariza" estes dois movimentos irreduzíveis e indissociáveis do pensamento, mantendo o seu apego ao concreto e exprimindo o seu sentido universal.

²⁹ Blondel, "L'illusion idéaliste", p. 115.

³⁰ *Ibid.*, p. 107.

³¹ Blondel, "Le point de départ de la recherche philosophique", p. 227.

Este sentido universal desenvolve-se em “Le procès de l’intelligence” que insiste no carácter unitivo do pensamento integral: “Comprenons donc bien l’incommensurabilité de la connaissance notionnelle et de la connaissance réelle: — par la première nous nous fabriquons un monde de représentations [...]; — par la connaissance réelle, ce que nous cherchons, ce ne sont pas des représentations [...], c’est la vive présence, l’action effective, l’intussusception, l’union assimilatrice, la réalité.”³² A “intussuscepção” designa a acção da inteligência pela qual ela “ramène à l’unité du moi toutes les choses qu’elle assimile” — tal como explicita Fr. Taymans D’Eypernon³³. A “intussuscepção” corresponde à efectividade da unidade entre o pensamento e a acção, entre a dimensão teórica e prática, na expressão do carácter sapiencial da filosofia blondeliana, ao mesmo tempo que realiza a unidade entre o singular e o universal (assimilando a universalidade do real à singularidade do eu), na expressão do carácter unitivo do universal concreto. O “connaissance réelle”, de “Le procès de l’intelligence”, é o “connaissance philosophique”, de “Le point de départ de la recherche philosophique”, é o “connaissance achevée”³⁴ de *L’Action*, “et c’est une vraie connaissance, c’est la vraie connaissance, la sagesse qui voit, possède et savoure”³⁵

Desenha-se aqui, já muito claramente, um verdadeiro realismo, realismo integral, de sentido ontológico e espiritual³⁶, “car le réel ce n’est pas seulement ce qui paraît ou ce qui a été,

³² Blondel, “Le procès de l’intelligence”, pp. 236-237.

³³ *Le Blondélisme*, p. 168-169.

³⁴ *L’Action* (1893), p. 440 e também na conclusão p. 486.

³⁵ Blondel, “Le procès de l’intelligence”, p. 230.

³⁶ A expressão “realismo integral” é sugerida por Paul Archambault, discípulo fiel de Blondel, na sua obra *Vers un réalisme intégral. L’oeuvre philosophique de Maurice Blondel*. A evocação de Blondel como “filósofo do concreto” ou do “realismo integral” deveria substituir definitivamente a designação equívoca de “filósofo da acção”. Blondel utiliza a expressão “réalisme spirituel” em *L’itinéraire philosophique*, p. 69

c'est ce qui sera et c'est tout le caché, tout l'intime des êtres."³⁷ É este realismo integral e espiritual — que melhor define ou caracteriza a filosofia blondeliana — que se cumpre cabalmente na Trilogia. O singular e o universal imbrincam-se no concreto, "unité expressive et distincte" e "multiplicité effective et synthétique"³⁸, em que se encontram o pensamento e a acção, a filosofia e a vida, o pensar e o ser.

Após a longa "travessia do deserto" de justificações sobre a obra produzida e de explicações sobre as obras em preparação, após uma ampla exposição sobre as exigências do trabalho filosófico e o sentido necessário do seu desenvolvimento, Blondel encontra-se agora em condições para dar livre curso ao seu projecto filosófico da indissociabilidade do pensar, agir e ser. A presença do método de imanência e de transcendência mantém-se, complementando-se agora no método de implicação e de integração; a afirmação da necessidade do sobrenatural mantém-se também, complementando-se na exigência metafísica de um fundamento do pensar, ser e agir.

No que se refere ao método — preocupação dominante de Blondel após a publicação de *L'Action* e antes de *La Pensée*, de 1934, sempre como esforço de explicitação do ineditismo da sua doutrina — é notória a transição da insistência no método de imanência e de transcendência para o método de implicação e de integração, sobretudo a partir dos "Dialogues sur la Pensée", de 1929. Enquanto o primeiro constitui especificamente uma via interior de ligação ao concreto, o segundo apresenta-se preferencialmente como uma análise que não cinde o real, ao mesmo tempo que uma síntese que não funde os elementos, "relation, à la fois vitale et intelligible, de vérités qui ne sauraient être réellement isolées, même quand on les considère distinctement et à part les unes des autres. La méthode d'implication consiste à déterminer l'étendue et la nature de ces

³⁷ Blondel, *L'itinéraire philosophique*, p. 105.

³⁸ *Ibid.*, p. 77.

relations entre tous les éléments contenus dans notre pensé vivante ou savante"³⁹, pelo que jamais se pode encontrar dissociado do ideal de integralidade. O método de implicação e de integração, engloba pois, claramente, o anterior de imanência e de transcendência, este servindo melhor o curso da ascensão ético-ontológica do homem em *L'Action*, aquele acompanhando melhor o desenrolar contínuo do pensamento, contribuindo mais vigorosamente para uma função unitiva de dimensão metafísica requerida na Trilogia.

Na Trilogia, composta por *La Pensée* (1934), *L'Être et les êtres* (1935) e *L'Action* (1936-37), Blondel recuperou a sua inspiração primordial da indissociabilidade do pensar, ser e agir na sua recíproca "disproportion inexplicable et déconcertante. Mes décisions vont souvent au delà de mes pensées, et mes actes, au delà de mes intentions."⁴⁰ Em 1893 detivera-se no estudo da "acção", como mediação entre o pensar e o ser, a qual, no seu irreprimível movimento dialéctico, conduzia até à necessidade do sobrenatural; agora detém-se individualmente em cada uma das dimensões do humano para acompanhar o seu máximo desenvolvimento e evidenciar a sua rigorosa unidade no plano superior em que decorrem.

Não nos é possível, no âmbito desta exposição, que se dedica ao amplo desenvolvimento que receberam as questões principais da *Lettre* na filosofia blondeliana, analisar as obras que compõem a Trilogia. Importa-nos, tão somente, sublinhar que os estudos sobre o pensamento, sobre os seres e sobre a acção partem invariavelmente do plano finito em que aquelas realidades se manifestam e que cada uma é animada na sua realidade interna por uma proporção propulsora de todo o dinamismo, respectivamente (mas sem paralelismo): o noético e o pneumático, o quase-ser e o Ser, as causas segundas e o puro agir. Esta inadequação interna constitui a marca de uma insuficiência que

³⁹ Blondel, "Dialogues sur la Pensée", VIII, p. 80.

⁴⁰ *L'Action* (1893), p. IX.

resulta ela própria da privação do absoluto, da unidade universal. O dualismo propulsor do noético e do pneumático para um pensamento integral, a ontogénese dos seres para a plenitude do ser, a dependência do agir humano do puro agir, só são inteligíveis a partir do Pensamento de Pensamento, Ser Absoluto, Acto Puro. O nosso pensar, ser e agir só são na medida em que se elevam para uma realidade metafísica de onde decorre a sua realidade.

Em 1893 e em 1934-37 o sentido a percorrer é claramente oposto: inicialmente era a realidade humana, na sua inadequação interna, que conduzia inevitavelmente à afirmação da necessidade do sobrenatural (o singular que carecia do universal); agora é realidade humana, na sua inadequação interna, que, como tal, depende do Absoluto (o universal unifica o singular). Se em *L'Action* Blondel se colocara no ponto de vista das criaturas, na Trilogia ele coloca-se no ponto de vista do absoluto. O esforço é agora o de apresentar o desígnio total da obra criadora de Deus e as condições fundamentais da obra criada. A unidade, em plenitude, do Pensar, Ser e Agir constituem o fundamento (condição) metafísico, da realidade humana, que assim encontra também o sentido da sua realização, mas cujo destino só se cumpre num plano sobrenatural.

A afirmada indissociabilidade do problema teórico e prático e o esforço de levar a filosofia aos seus limites em 1893, desenvolveu-se no realismo integral e espiritual de uma filosofia perenemente insuficiente e inacabada. A interrogação sobre o sentido da vida humano e destino do homem desenvolveu-se numa ontogenia dos seres — o que legitima o carácter filosófico da obra blondeliana, sem alterar a mensagem.

Se, em termo gerais, o desenvolvimento da filosofia da acção conduz "à une métaphysique de la pensée et de l'être, [il] laisse forcément ouvert le problème de la religion."⁴¹ Mais uma vez não é à filosofia que compete responder ao problema do sobrenatural; mas, mais uma vez, ela coloca-lo, agora

⁴¹ Blondel, "Esquisse d'une reprise de «L'Action»", in *Études Blondéliennes*, 1, 1951, p. 55.

metafisicamente. E o plano metafísico estabelece-se como mediador entre o natural e o sobrenatural. Uma metafísica cristã, não por concordismo, mas pela sua estrutura interna de acordo com as exigências do real, na realização integral dos seres. Por isso Blondel terá de concluir no tomo II de *L'Action*, 1937: "Quarente années de marche errante dans le désert et pour n'aboutir qu'à un pays qui n'est encore qu'une terre promise? Oui, mais du moins nous trouverons peut-être cette fixité d'orientation, cette paix qui ne saurait être présentement qu'une création continue."⁴² A conversão racional dos espíritos ao imperativo de sermos cada vez mais, na realização do universal pelo singular, como única resposta possível ao enigma do humano é a tarefa constante e sempre renovada de toda a filosofia que se mantém ligada à vida — tal é a mensagem ainda hoje actual de Blondel.

RESUMO

A *Lettre sur les exigences de la pensée contemporaine en matière d'apologétique*, de 1896, corresponde declaradamente à reivindicação, por parte de Blondel, do genuíno carácter filosófico da sua reflexão, posto em causa a partir da interpretação de *L'Action, essai d'une critique de la vie et d'une science de la pratique*, de 1893, como uma apologia (filosófica) da fé cristã.

Considerando os factores desencadeadores da interpretação apologética que Blondel sofreu, não bastará definir a natureza do método da imanência e apresentar a intencionalidade própria da sua aplicação, nem acompanhar racionalmente o percurso que conduz ao sobrenatural e explicar a ordem da necessidade com que ele se impõe. A questão em aberto vai mais fundo: ela toca a original concepção blondeliana de filosofia em que aqueles aspectos se descobrem e ganham sentido e enraiza-se no desígnio filosófico de Blondel em que se confirma a sua prevalência e adquirem o seu justo valor. Mostrá-lo constituirá o propósito desta nossa intervenção.

⁴² Blondel, *L'Action*, II, p. 400.

Bibliografia de Maurice Blondel citada:

- L'Action. Essai d'une critique de la vie et d'une science de la pratique.* Paris, Alcan, 1893, XXV+495 pp. Edição utilizada na presente dissertação: Paris, P.U.F., 1973, XXV+495 pp.
- "Lettre sur les exigences de la pensée contemporaine en matière d'apologétique et sur la méthode de la philosophie dans l'étude du problème religieux", in *Annales de Philosophie chrétienne*. Paris, t. 131, 1986, (Janeiro), 337-347 pp., (Fevereiro), 467-482 pp., (Março), 599-616 pp.; t. 132, (Maio), 131-147 pp., (Junho), 225-267 pp., (Julho), 337-350 pp. Ed. util.: reprodução in *Les premiers écrits de Maurice Blondel*. Paris, P.U.F., 1956, pp. 5-95 pp.
- "L'illusion idéaliste", in *Revue de Métaphysique et de Morale*. Paris, t. 6, (Novembro, 1898), pp. 726-745. Ed. util.: reprodução in *Les premiers écrits de Maurice Blondel*. Paris, P.U.F., 1956, pp. 97-122.
- "Principe élémentaire d'une logique de la vie morale", in *Bibliothèque du Congrès International de Philosophie*. Paris, Colin, 1903, t. II, pp. 51-85. Ed. util.: reprodução in *Les premiers écrits de Maurice Blondel*. Paris, P.U.F., 1956, pp. 123-147.
- "Le point de départ de la recherche philosophique", in *Annales de Philosophie chrétienne*. Paris, t. 151 (Janeiro, 1906), pp. 337-360; t. 152 (Junho, 1906), pp. 225-250.
- "Le Procès de l'Intelligence", in *La nouvelle Journée*. Paris, 19, 1921, (Junho), 409-419 pp., (Julho), 30-39 pp., (Agosto-Setembro), 115-133 pp. Ed. util.: in *Le Procès de l'Intelligence*. Paris, Bloud & Gay, 1922, 217-306 pp.
- "Le problème de la mystique", in *Qu'est-ce que la mystique?*. Paris, Bloud & Gay, 1925, 63 pp.
- L'Itinéraire philosophique de M. Blondel.* Propos recueillis par Frédéric Lefrèvre. Paris, Spes, 1928, 283 pp. Ed. util.: Paris, Aubier-Montaigne, 1966, 186 pp.
- Le problème de la philosophie catholique.* *Cahiers de la nouvelle Journée*, 20, Paris, Bloud & Gay, 1932, 224 pp.

- La Pensée, I, La genèse de la pensée et les paliers de son ascension spontanée.* Paris, Alcan, 1934, XLI+421 pp. Ed. util.: Paris, P.U.F., 1948, 348 pp.; *II, La responsabilité de la pensée et la possibilité de son achèvement.* Paris, Alcan, 1934, 558 pp. Ed. util.: Paris, P.U.F., 1954, 558 pp.
- L'Être et les êtres. Essai d'ontologie concrète et intégrale.* Paris, Alcan, 1935, 540 pp. Ed. util.: Paris, P.U.F., 1963, 532 pp.
- L'Action, I. Le problème des causes secondes et le pur agir.* Paris, Alcan, 1936, 492 pp. Ed. util.: Paris, P.U.F., 1949, 364 pp.; *II. L'Action humaine et les conditions de son aboutissement.* Paris, Alcan, 1938, 558 pp. Ed. util.: Paris, P.U.F., 1963, 558 pp.
- La Philosophie et l'Esprit chrétien, I. Autonomie essentielle et connexion indéclinable.* Paris, P.U.F., 1944, XVI+340 p.; *II. Conditions de la symbiose seule normale et salutaire.* Paris, P.U.F., 1946, XI+380 p.
- "Projet de préface pour «L'Action»" [1927 e 1929], in *Études blondéliennes.* Paris, 1, 1951, 7-15 pp.
- "Lettre-Préface" [1927], in *Études blondéliennes.* Paris, 1, 1951, 15-21 pp.
- "Esquisse d'une reprise de «l'Action»" [1927-28], in *Études blondéliennes.* Paris, 1, 1951, 21-58 pp.
- "Un texte inédit de Maurice Blondel: Dialogues sur la Pensée. Conflits et éclaircissements dialogués", in *Études blondéliennes.* Paris, 3, 1954, 17-132 pp.
- "Immanence", in *Vocabulaire technique et critique de la philosophie, Bulletin de la Société française de Philosophie, dirigido por André Lalande.* Paris, P.U.F., Ed. uti.; 1985.